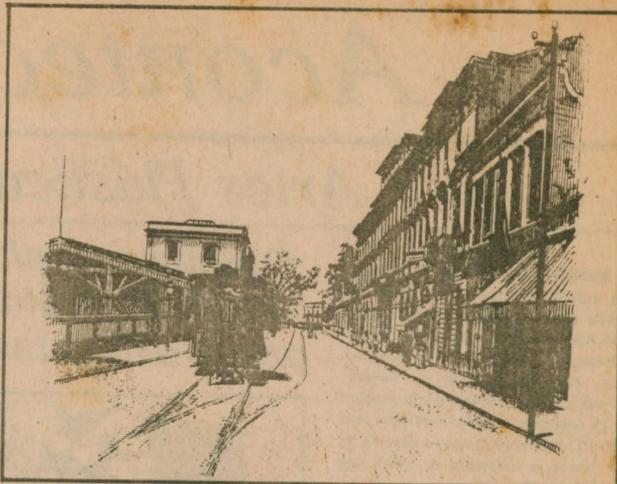




O edifício do Seminário Episcopal, com sua fachada primitiva.



A Estação da Luz na época dos bondes puxados a burro.

# O bom retrato da cidade em um livro centenário

ERNANI SILVA BRUNO

Precisamente há cem anos — em 1882 — a Tipografia de Jorge Seckler, rua Direita n.º 15, imprimia um pequeno volume intitulado “Em São Paulo. Notas de Viagem”, de autoria de alguém que se escondia sob o pseudônimo de Junius. O autor, que viera do Rio de Janeiro a passeio, revia, profundamente transfigurada, a cidadezinha que conhecera trinta anos antes quando cursara sua Academia de Direito. O confronto das duas épocas era, a bem dizer, o tema central do livro.

Pois esse Junius, assim me lo anônimo e despretensioso (que mais tarde soubemos chamar-se Firmo de Albuquerque Diniz), foi sem dúvida o primeiro repórter ou o primeiro cronista a destacar as substanciais mudanças ocorridas na cidade de São Paulo entre a sétima e a oitava décadas do século passado. Estimuladas, essas mudanças, pela expansão da lavoura cafeeira no Oeste da província e pela presença das primeiras estradas de ferro — fatores que iriam transformar em cidade, sobretudo de negócios, o burgo atéentão só vitalizado pelas estudantadas e as serenatas dos acadêmicos de Direito.

Na pequena e tranquila cidade em que Junius havia estudado pouco se falava em dinheiro, como notara, encantado, o reverendo James Fletcher. E se dela retrassem a Escola de Direito, o jornalista Augusto Emilio Zaluar garantia que a povoação acabaria morrendo de inanição.

O autor do livrinho, que no Rio de Janeiro havia conservado essa imagem do pequeno burgo em que estudara, reencontrou de repente, anos depois, no mesmo planalto, as marcas do passado já envolvidas em novas configurações. Teve a perspectiva para fazer o contraste. Traços novos haviam afetado a paisagem urbana, as estradas de ferro, as locomotivas, a chegada dos comboios baldes sonolentos. Os bondes puxados por homens e o meu-coco. Lam-



Em desenho realizado em 1882, a modesta Igreja dos Protestantes.

piões de gás imprimindo novas tonalidades às salas das casas e aos recantos de ruas antes alumeados pela triste luz amarela dos candeeiros alimentados a azeite de mamona.

E sobretudo outras imagens que, aos olhos dos moradores da cidade, haviam se esboçado quase imperceptivelmente. Um velho largo pelado onde as árvores foram crescendo para formar um jardim “à moda inglesa”. Um correr de casinhas de taipa que se derrubavam, abrindo espaços, em uma das íngremes ladeiras que desciam da colina para a várzea. A fachada de um casarão que perdia os beirais e ganhava platibanda de sabor neoclássico. O Chá, os Campos Eliseos, a Estrada Vergueiro — lugares desertos e silenciosos em meados do século —, notava o autor do livro que estavam já bastante provoados, com casas às vezes de construção elegante, “à imitação dos chalés suíços”.

Algumas grandes edificações antes inexistentes ornavam a nova paisagem urbana, como o Seminário Episcopal, o Hospital da Beneficência, o Teatro São José, o Templo dos Protestantes Ingleses. E também insólita novidade era o movimento das ruas, de que participavam até grupos de senhoras (desacompa-

nhadas de homens) entrando nas lojas de modas e frequentando afoitamente as confeitarias do Triângulo... De todas essas feições urbanas que ao longo dos anos haviam se desenhado e acabaram se impondo, Firmo de Albuquerque Diniz pôde surpreender o produto final, fixando-o em excelente testemunho.

Seu livrinho, que acabou se tornando raro e mesmo raríssimo — até que foi reeditado, há poucos anos, pela Coleção Paulística, do Governo do Estado —, tem, de certa forma, a mesma significação do trabalho realizado por Militão de Azevedo, em termos de fotografia, com seu famoso Album Comparativo, também objeto de recentes reedições. Seria lícito até supor — evidente que se trata de mera hipótese — que o pioneiro dos fotógrafos paulistanos tivesse se inspirado em sua leitura para voltar a fixar, em chapas fotográficas, em 1887, os mesmos locais urbanos que retratara em 1862.

Uma das pouquíssimas fontes bibliográficas diretas para o conhecimento de uma época de tantas transformações na evolução da cidade, não se entende por que o livro de Junius permaneceu, por dilatados anos, tão ignorado e esquecido. Tanto quanto a identidade do próprio autor.